

ICME 6, Budapeste, 27 de Julho a 3 de Agosto 1988

Cristina Loureiro, Escola Secundária Ferreira Borges



A cidade

Dividida pelo Danúbio, Budapeste é uma cidade que se estende pelas margens do rio de forma assimétrica mas em simbiose perfeita.

Peste, a cidade plana, mais moderna e que foi o centro da revolução Húngara de 1848.

Buda, a cidade antiga, entre colinas, onde se encontram as ruínas sobrepostas das várias ocupações da cidade. Romanos, Mongóis e Turcos, entre tantos outros, aí deixaram marcas notáveis e imponentes.

E de Budapeste pode o turista ficar falando longamente. Das suas termas, em pleno coração da cidade, onde é possível mergulhar logo de manhãzinha. Das suas esplanadas e hotéis de luxo, onde o pequeno almoço não tem o sabor do sono interrompido e é possível beber o entardecer à beira-rio. Das suas galerias e museus, ricos de obras e de sonhos, Vazarély e Varga são nomes grandes da arte mundial. Dos seus monumentos e igrejas, tão diversos quanto inesperados porque documentos de uma história atribulada e de uma cultura tão diferente da nossa. Dos passeios de barco no Danúbio, não tão azul quanto se poderia imaginar. Das suas pontes, oito laços sobre o plácido Danúbio, que permitem uma rede perfeita de transportes urbanos. Dos mercados onde é possível comprar pimentos amarelos e pepi-

nos de conserva. Dos jardins, da música nas ruas...

Local perfeito para um Congresso Internacional. Budapeste conjuga, na calma do Danúbio que a percorre, a austeridade das suas velhas Universidades com a frescura dos seus jardins. Budapeste, cidade aberta e de velhas tradições.

Budapeste, onde vinte e dois professores portugueses foram à descoberta dos caminhos da Educação Matemática internacional? À procura das grandes linhas de investigação nos anos noventa? Ou à conquista de novos públicos?

Será o velho espírito aventureiro dos nossos antepassados que os fez acorrer assim a outras paragens? Será a fome de conquistas ou a sede de descobertas?

Certo é que os portugueses marcaram posição em Budapeste. Entre cerca de dois mil e quinhentos participantes do todo o mundo, vinte e dois professores portugueses mostraram que nós também estamos atentos.

O Congresso

As sessões do Congresso realizaram-se em dois locais: a Technical University, velha, sólida e imponente Universidade à beira do Danúbio, onde decorreram as sessões paralelas, exposições, apresentação de posters e de filmes, etc.; o moderníssimo Convention Center, de linhas sóbrias, elegante e atraente, onde se realizaram as sessões plenárias.

27 Julho, 9 horas; no átrio imponente da velha Universidade, cerca de vinte computadores obrigam os pacientes mas conversadores congressistas a aguardar em filas a sua recepção; junto a cada computador uma simpática assistente, fala-se qualquer língua, só é conveniente saber escolher a fila certa e pagar em dólares.

Pode dizer-se que a organização logística funcionou impecavelmente e todo o aparato tecnológico permaneceu no átrio durante todo o Congresso. Átrio, que foi local de atendimento, ponto de encontros, de venda de recordações e até de apresentação de jogos.

27 Julho, 14 horas; sessão plenária de abertura. Língua oficial o Inglês, tradução simultânea em sete línguas. Pouca pompa e alguma circunstância. São as boas-vindas, as apresentações e está aberto o ICME 6, o sexto encontro da Internacional Commission on Mathematical Education.

27 Julho, 19 horas, National gallery of Hungary; recepção de boas-vindas com pequeno concerto e jantar. Deliciosa, mas talvez louca, recepção dos três mil e tal participantes e acompanhantes, numa galeria de arte onde se jantou entre estátuas e quadros, num local com uma das mais belas panorâmicas de Budapeste. Inesquecível!

Nos dias seguintes foi o corropio das comunicações. Escada a baixo, escada acima, as dúvidas e indecisões da escolha: o tema? o autor? ou a fidelidade ao grande tema organizador?

As comunicações estavam estruturadas de quatro modos diferentes:

1. Action groups, em que a unidade era a idade dos alunos a quem eram dirigidas as investigações.

2. Topic areas, em que as comunicações foram agrupadas por grandes temas de Matemática ou de Educação: «video, film», «visualization», Proofs, justification and conviction», etc.

3. Theme groups, em que havia um grande tema de discussão, «The profession of teaching», «Problem solving and applications» entre outros. À volta do tema eram organizadas comunicações e discussões em pequenos grupos com o objectivo de formular conclusões ou recomendações. Os Theme groups estavam ainda divididos em sub-temas.

4. Study groups e National Presentations. Nos study groups eram associadas comunicações de grupos ligados ao ICME, (History and Pedagogy of Mathematics — HPM; Psychology of Mathematical Education — PME; International Organization of Women and Mathematics Education — IOWME). Nas National presentations estavam agrupadas comunicações de determinado país convidado e que eram feitas na sua língua (Argentina, Bulgária, URSS, Espanha entre outros).

Ao longo de 5 dias estes quatro grandes grupos de comunicações funcionavam e pode imaginar-se que por dia ocorriam, talvez, 300 ou 400 comunicações. Durante todo o Encontro deverão ter sido apresentadas cerca de 2000 comunicações.

Sucederam-se assim as comunicações, as visitas às exposições permanentes de material e de livros, as apre-

sentações de posters e de filmes, num ritual diário apenas interrompido por dois dias diferentes.

30 Julho, o dia do descanso. Uma interessante sessão plenária por A. ERSHOV sobre «computerization of schools and Mathematical Education». Excursões durante todo o dia a vários pontos do país; o lago, o campo, pequenas cidades. Uma pausa revigorante nos trabalhos do Congresso, algo atribulada para alguns.

31 Julho, o quinto dia especial: Mathematics, Education and Society. De manhã comunicações, à tarde painéis de discussão sobre vários temas. Um esperado momento de discussão que para muitos soube a pouco.

Depois foi o retomar do ritual diário até ao fim.

3 Agosto, 8h 30m, sessão de esclarecimento. Duas intervenções de fundo: «Algorithmic Mathematics: an old aspect with a new emphasis» e «The great figure of George Polya».

E do Congresso pode o participante ficar falando longamente. Da interessante participação portuguesa num painel de discussão. Das comunicações e posters apresentados por professores portugueses. Dos brilhantes participantes estrangeiros, nomes sonantes que nós conhecemos dos livros. Do tão visitado edifício Z onde havia interessantíssimas exposições de material organizadas por vários países. Do meeting de apresentação do 1.º Encontro Ibero-Americano de Educação Matemática em Sevilha 1990. Da sessão das Associações de Professores de Matemática organizada com a brilhante colaboração da APM. Do intercâmbio, das agradáveis conversas de corredor. Duma maravilhosa exposição de jogos. Dos livros que apetecia comprar. Dos insípidos almoços na cantina onde se comia sopa cor-de-rosa. Das gostosas happy-hours ao fim da tarde, com pepsi-cola e conversa à discricção, que os portugueses aproveitaram para sua «national presentation». Do jantar luso-português; dos programas sociais diários para acompanhantes e participantes distraídos; das sextas nos bancos do jardim da Universidade...

E no regresso, na mala

Livros, alguns adquiridos e muitos sonhados.

Filmes, uns apenas na memória, outros que vamos poder continuar a ver.

Papéis; notas e textos de comunicações; propostas de actividades para os alunos; catálogos sobre o que existe e o que se faz na Educação Matemática; e muita, muita propaganda de países, de grupos de investigação, eu sei lá!

Geoplanos, jogos e bolas. Fotografias, memórias e saudades, lembranças e recordações. Medalhas, selos e T-shirts. Contactos, sonhos e desilusões.

Certezas? Poucas! Ideias? Bastantes!

Mas muita, muita vontade de continuar a trabalhar em Educação Matemática.

No bolso todos trouxeram um convite: Bienvenue, ICME 7, Québec 1992.

E no fundo da mala, no canto mais resguardado e protegido da alma, a sensação de que «a experiência foi um privilégio de quem a viveu».